

INE

# Norte cada vez mais longe de Lisboa e do resto do País

Em dez anos, o Norte acentuou as disparidades de rendimento

Rui Peres Jorge  
rperesjorge@mediainfin.pt

Uma década não foi suficiente para Portugal se aproximar da média europeia em termos de rendimento por habitante, mas chegou para se acentuarem as disparidades regionais dentro do País, com o Norte a ficar para trás na corrida por um melhor padrão de vida. Este é um retrato da evolução regional revelado ontem pelo Instituto Nacional de Estatística (INE).

Em dez anos, a região Norte foi a única que perdeu quando comparada com a média da riqueza por habitante a nível nacional: em 1996, o PIB 'per capita' da região era de 85% da média, tendo caído para 80% dez anos depois. Apesar da ligeira melhoria de um ponto entre 2005 e 2006, o Norte afirmou-se na última década como a região mais pobre do País. No mesmo período, o Centro manteve-se nos 85% da média e as restantes regiões melhoraram, com a Madeira a registar um crescimento fulgurante, saltando de 90% para 128%. Lisboa manteve-se na dianteira das regiões mais ricas, passando de 138% para 140% da média nacional.

As contas regionais preliminares ontem divulgadas revelam um país mais desigual onde "o fosso entre a região que gerou maior e a que gerou menor produto 'per capita' é tendencialmente crescente no período de 1995 a 2006", diz o INE quando analisa a evolução do PIB por habitante. Mas a má prestação do Norte — onde o Porto sobressai pela posi-

va — não se fica pelo produto interno bruto e estende-se ao rendimento disponível das famílias, ou seja, o que fica depois de impostos pagos e transferências recebidas do Estado.

Em sete dos últimos dez anos o Norte registou uma taxa de crescimento do rendimento disponível inferior à média nacional, o que o levou a cair de 89% da média em 1996 para 84% em 2006. A evolução no Algarve segue de perto o outro extremo do país, apesar de se manter acima da média. A ponta Sul registou crescimentos inferiores à média em seis dos dez anos, o que explica a degradação da sua posição relativa: de 114% da média em 1996 para 108%.

Nos mesmo dez anos, as regiões Centro e Alentejo mantiveram proporções estáveis de cerca de 92% e 94% da média, respectivamente, enquanto que Lisboa, a Madeira e os Açores melhoraram: a capital de 121% para 129%, a região liderada por Alberto João Jardim de 94% para 105% e a do arquipélago das nove ilhas de 86% para 96%.

#### A Europa não está mais perto

Além de aumentar as assimetrias, a economia como um todo revelou-se incapaz de se aproximar da média europeia: em dez anos o PIB 'per capita' passou de 69% para 70% da média da UE-15, com Lisboa a ser a única região próxima da Europa e, ainda assim, abaixo da média (98%).



**O fosso entre a região que gerou maior e a que gerou menor produto 'per capita' é tendencialmente crescente entre 1995 e 2006.**

INE, contas regionais

## Um país cada vez mais assente em comércio, turismo e actividades financeiras

O comércio, a restauração e hotelaria, os transportes, as actividades imobiliárias e os outros serviços a empresas explicaram 73% do valor acrescentado bruto (VAB) gerado em Portugal em 2006. Há onze anos, os mesmos sectores pesavam 66%. "As actividades de serviços dominaram a actividade produtiva nas sete regiões NUT II portuguesas e reforçaram a sua importância, sobretudo no Alentejo, Centro e Norte", lê-se na nota ontem divulgada à imprensa, onde o INE revela que em Lisboa, na Madeira e no Algarve o

**73%**

**peso no VAB**

Comércio, serviços e imobiliário explicam três quartos da riqueza.

seu peso chega a ultrapassar os 80%. Ao contrário, as actividades agrícolas diminuíram o seu peso de 5,8% para 2,8%, para o que contribuíram todas as regiões. O Alentejo e os Açores ainda contam com a agricultura para explicar cerca de 10% do seu VAB. A perda está também a indústria, cujo peso passou de 22% em 1995 para 18% em 2006, o que resulta de perdas em todas as regiões excepto no Alentejo e nas ilhas. O sector da construção manteve um peso próximos dos 7% em todo o período.

### RIQUEZA POR HABITANTE, DE NORTE A SUL

